

A propósito da poesia de Micheliny Verunschck

por Anna Ehre

AS GeogRafias de Um cubo e suas utilidades

I
Outubro de 2003. Faz um ano que estive no Recife, onde fui acompanhar o lançamento do livro de uma professora de História vivente em Arcoverde, cidade às portas do sertão pernambucano. O livro era o '**Geografia Íntima do Deserto**', a professora, Micheliny Verunschck.

De forma espontânea, quase instantaneamente, algumas pessoas me indagaram:

"Tu vieste de Salvador **só** para o lançamento?" Sim. Respondi. Disse que sim ainda que discordasse do '**só**', pois que se parecia muito com '**apenas isso**'. Livros são organismos vivos. Quando algum escritor dá a luz a um livro não é **só** a não ser que **só** tenha a acepção de único. Sim, havia deixado Salvador não tanto pelas águas de Boa Viagem quanto pelo Deserto. É belo, o verde concentrado do mar que contempla a cidade, mas a cor do verso na areia do livro é mais feliz. Só ela, imune à noite.

O mar / fareja e fareja / restos de sol sobre a areia.
O mar, / sextina negra, / sextina eterna e negra:
Galatéia

De algumas perguntas, Micheliny também não escapou. Certamente duas delas

muito costumadas. São questões que os lábios de quem comenta poesia (e com o perdão do pleonasma), de quem escreve poesia, de quem edita poesia e poesia ad libitum, estão sempre desenhando.

Micheliny, para que serve a poesia? Algum poeta que nunca tenha ouvido tal inquirição é provavelmente um jogador de futebol.

O menino desenha / a bola ausente / e o muro cresce / perante o menino.
O muro prossegue, / o menino não. / Claríssima cal / banha seu peito.
O vôo extinto / no cimento duro.
[...]

De manhã, ainda em Salvador, guardando o embarque, e depois, no avião, vencendo a gravidade e mais 900km de nuvens, pensei muito sobre a poesia e seu préstimo. Desembarquei no aeroporto do Recife sem turbulências ou atraso, nenhum dano aos passageiros... com exceção dos bolsos. Mas havia subido dois andares do Brasil, havia descido à fundura das utilidades...

À noite, quase em Olinda, já no Centro de Convenções, onde aconteceu a IV Bial do Livro de Pernambuco, vivemos a celebração do primeiro olhar sobre o **Geografia Íntima do Deserto**. Eu e mais de uma dezena de pessoas que também correram légua e meia, que também traçaram o mesmo destino: poesia. Ao

perceber tal singularidade, obtinha uma resposta definitiva para a questão tão recorrente. Perguntada mais uma vez para que afinal de contas serve a poesia, diria a Micheliny que respondesse com tenacidade: - Serve para aumentar a venda de passagens aéreas.

Se ainda assim o interlocutor parecer insatisfeito com a **amplitude da** resposta, melhor ensaiar um pigarro e dizer: mais alguma pergunta? **Verunschck, como defines tua poesia?** Algum poeta que nunca tenha ouvido tal inquirição é provavelmente um esgrimista.

**Na pedra da alma / gravo a cifra / do que sinto:
sou a um só tempo
o alvo / o caçador / e o arco tenso estendido.**

Quando a poesia é singular não se amolda em definições mesmo que plurais. Haverá sempre muitas e nenhuma delas definitiva. *"Difícilmente o vento encontra um tradutor competente que não o transforme em brisa ou em dilúvio"*. Guardadas as proporções de cada cena, poderia fazer eco ao poeta Carpinejar, ainda que o vento fosse poesia e o tradutor, crítico literário, mesmo o mais sagaz.

**Como um rei / que sonhasse / um círculo / um mármore / e dormindo
seus olhos declarassem /o Belo:
uma lágrima / a perfeição / a luz / o verbo.
Como um Deus / que criasse a Beleza
muito embora fosse cego.**

Para o poeta João Cabral, poesia é cubo mágico. Se Mario Hélio diz que Micheliny escreve uma *"poesia de intensidades"*, *"grafia do ego mais que dos espaços exteriores"* ele desvela só uma das faces desse cubo. O reverso é que Micheliny também escreve sobre os espaços exteriores. Escreve contos e desenha fotografias usando uma dicção particular que flui muito bem no leito da língua. Para Weydson Barros Leal sua poesia atrai *"ora por uma estranheza íntima, ora por uma simplicidade potente"*. Se João Alexandre Barbosa aponta que uma *"distância no tempo"* é elemento intrínseco nos poemas da professora de História, conferindo a eles originalidade, Manuel Costa Pinto vê em sua poesia *"versos de talhe seco, a ambiência sertaneja, o rigor poético extraído da descrição dos objetos expostos à luz violenta do Nordeste"*. Só outra face.

Há também olhos de umidade e asfalto,

**O dia e a cidade / conspiram / contra mim
como um gatilho armado / de um revólver orgânico:
disparam / signos / concreto
e a pele quente de um ônibus
mas à noite / copulo com luzes e prédios
sou útero / cântaro.**

há eros e tânatos ladeados por uma violência refinada, há uma reinvenção de pretéritos, há tintas ritmadas, há descobertas.

**Os seus dedos / tocam a cítara das chuvas / e traçam
a virgem magra / arquitetura do estio: / sua
poesia de extremos.**

II

Uma surpresa. Assim muitos se referiram à presença do **Geografia Íntima do Deserto** na lista final dos dez indicados ao Prêmio Portugal Telecom de Literatura de 2004. Para aqueles que há algum tempo acompanham as muitas faces da poesia de Micheliny, a notícia não surpreende tanto quanto soa ajustada.

[...]

**E ele, que nada vê,
festeja o burburinho,
criança entre fios coloridos de eletricidade**

E ele, o Anjo Cego, tem outros motivos para festejar. Não só a "surpresa" da indicação, mas antes de tudo a poesia que surpreende. Ele e os leitores. O colorido nos poemas de Micheliny não disfarça o perigo da voltagem. Ela costuma dizer que poesia é sobressalto, é susto. Os adultos entre os fios – as linha, os versos - sentem o choque.

[...]

**Ah! E o Sol,
imenso carrapato
agarrado no azul.**

Quem disse que o Sol é uma estrela de primeira grandeza? Ao retorcer conceitos, ao renovar dicionários, a poesia é capaz de desmentir os astrônomos e desmontar o lugar comum. Sim, digam sim que Micheliny é poeta. Ao leitor, a luz.

**A solidão, / essa tempestade, /esse gozo às avessas,
esse jeito de eternidade / que as coisas adquirem**

mesmo sendo apenas vidro. / Essas cartas
ardendo / no estômago das gavetas,
essas plumas/ que surgem quando se
apagam / as últimas luzes do dia.

[...]

O sono, / grande placa de cerâmica,
e o tempo, / demônio a ranger sobre o
infinito.

III

Outubro de 2004. Não faz um átimo que os olhos do vento azul de Salvador me flagraram relendo um outro livro, também lançado há um ano na Bienal de Pernambuco, composto por um único e extenso poema, aflitivo e lúgubre, surpreendente em sua beleza cáustica, sem composições de almofadados, sem concessões, escrito por uma estudante de pós-graduação da PUC, vivente em São Paulo, cidade às portas do ser tão mundo. O livro, **O Observador e o Nada**. A estudante, Micheline Verunsch.

Sim, pessoas se parecem com poesia. Elas também são cubos mágicos. E ainda é possível dizer que ambos têm a mesma serventia: servem para serem amados.

.....

Excertos e poemas do *Geografia* citados no texto:

(Noite)

(Dois temas para meninos - I)

(Hieróglifo)

(Ofício)

(O rio)

(Evangelho)

(Epílogo ao Anjo Cego do Senhor)

Seca (ou 'O Boi e a Quaresma')

(Darkness)